

A querela entre antigos e modernos: genealogia da modernidade da modernidade - principais ideias

Souza, Alberto Carlos de; Figueiredo, Tulio Alberto Martins de

Veröffentlichungsversion / Published Version

Zeitschriftenartikel / journal article

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Souza, A. C. d., & Figueiredo, T. A. M. d. (2016). A querela entre antigos e modernos: genealogia da modernidade da modernidade - principais ideias. *Revista Desafios*, 3(1). <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-53332-4>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer CC BY-NC Lizenz (Namensnennung-Nicht-kommerziell) zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den CC-Lizenzen finden Sie hier: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.de>

Terms of use:

This document is made available under a CC BY-NC Licence (Attribution-NonCommercial). For more Information see: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>

A QUERELA ENTRE ANTIGOS E MODERNOS: GENEALOGIA DA MODERNIDADE - PRINCIPAIS IDEIAS



Revista
Desafios

Resenha
Review
Crítica

*THE QUARREL BETWEEN ANCIENT AND MODERN: GENEALOGY OF
MODERNITY - MAIN IDEAS*

Alberto Carlos de Souza*¹, Tulio Alberto Martins de Figueiredo²

1 Secretaria Municipal de Educação de Vitória e Serra/ES

2 Universidade Federal do Espírito Santo

*Correspondência: Rua Maestro Antônio Cícero, 111, Caçaroca, Prefeitura, Serra/ES, CEP 29176-439. e-mail: acsouza71@bol.com.br

Artigo recebido em 04/05/2016. Aprovado em 19/09/2016. Publicado em 25/10/2016.

RESUMO

Em finais de séculos muitas questões constantes são renovadas na cultura ocidental. No final do século XV, questionava-se a arte com relação à natureza, por meio de debate em torno de imitação e da representação. O final do século XVI anunciou a razão social e a sociologia das imagens, o que propiciou a discussão da figura e da alegoria num cenário laico e religioso. Nessa passagem, essa ruptura tinha efeito com os sistemas dogmáticos do barroco e a introdução da cientificidade dos modos de produção, revelando uma razão de qualidade e emancipação para uma consciência de liberdade vista por um mundo de consciência estética e distinguido pelo domínio do progresso.

Palavras-chaves: Modernidade; História; Ciência Sociais; Filosofia.

ABSTRACT

At the end of centuries renewed many questions are contained in Western culture. At the end of the fifteenth century, wondered if the art about nature, through discussion on imitation and representation. The end of the century XVI announced the corporate and the sociology of images, which led to the discussion of figure and allegory in a secular and religious landscape. In this passage, this effect had to break the dogmatic systems of the Baroque and the introduction of scientific methods of production, revealing a reason for emancipation and quality consciousness of freedom as seen by a world of aesthetic awareness and distinguished by the dominance of progress.

Key-words: Modernity, History, Information Science; Philosophy.

RESUMEN

Al final de muchos siglos constantes preguntas son renovados en la cultura occidental. A finales del siglo XV, en tela de juicio es la técnica referente a la naturaleza, a través del debate en la imitación y la representación. El final del siglo XVI anunció la razón social y la sociología de las imágenes, lo que llevó a la discusión de la figura y la alegoría en una escena secular y religiosa. En este pasaje, la ruptura tuvo efecto con los sistemas dogmáticos barrocos y la introducción de métodos científicos de producción, que revela una relación entre la calidad y la emancipación de la libertad de conciencia, vista a través de un mundo de la conciencia estética y distinguido por el progreso del dominio.

INTRODUÇÃO

No final de século próximo passado, discutiu-se o modernismo e o pós-modernismo, a volta da radicalidade estética que procurou descobrir coisas já descobertas e indicou novos/velhos lugares para a arte. No percorrer desses cenários, nota-se uma linhagem entre inúmeros fins de séculos, um elemento constante: a cada cem anos se discute a pendência entre antigos e modernos. Pois a cada nova passagem de século uma nova definição de identidade e suas diferenças têm produzido um novo conhecimento.

Desde o Renascimento, este espaço de constituição do moderno sofre a intromissão do antigo. Em um artigo de Jauss se discute a modernidade como um modo familiar enfocando um novo formato entre antigos e modernos, fazendo uma sugestão de um meio termo - o médio ou o medieval, tendo em parâmetros de medida o antigo, novo e médio. Segundo Jauss, verifica-se a necessidade de recortar o período entre os antigos e os modernos, dando a esse tempo a ideia de um momento de trevas. Ao pretender esta tensão entre antigos e modernos, não há como escapar à chamada “querela entre antigos e modernos”, tornando obrigatório o tema em três momentos diferentes:

O primeiro momento se localiza no Renascimento, fazendo uma reflexão da publicação *Vida dos Pintores*, vinculada a um processo de incorporação da cultura clássica.

As cidades se transformam em símbolos da ação renovada pelo homem, dando um novo uso e novas funções na arquitetura e é não mais vista como um espaço aglomerado e sim um espaço de conforto que refletia num cenário urbano, introduzido pelo

moderno, com um novo olhar para o campo visto como um espaço aberto a experiências modernas.

Essas tensões entre as duas visões de mundo (antigo e moderno) têm um caminho fértil entre formas diferentes de pensar alternativas: tal caminho seria a comparação, no contexto das reformas religiosas, entre Lutero, Calvino e as decisões do Concílio de Trento.

O segundo momento tem desenvolvimento pleno na cultura barroca, associado ao debate conhecido como “a querela entre antigos e modernos” que se desdobra pelo Iluminismo, que acabou por levar os analistas da querela a considerá-la um debate literário, sem nenhuma consequência maior para a história das ideias, mostrando um desdobramento com base para a produção de um novo pensamento de luzes, colocando por meio dela a própria avaliação de Descartes. Embora o debate da querela de “antigos e modernos” continue no século XVIII, seu rumo já havia mudado. A vitória dos modernos sem a derrota dos antigos, ao mesmo tempo em que constrói a base do progresso das luzes, apura e sofisticada as temáticas referentes à produção da cultura.

O terceiro momento, localizado no século XIX, ambientado na Europa Ocidental é identificado através da análise de Baudelaire naquilo que diz respeito a seus conceitos de modernidade e da teoria racional e histórica da arte (o belo).

O argumento da lei do progresso intelectual torna-se a mola propulsora da razão técnica. O homem perde a noção de aventura e regula o mundo e sua ação por parâmetros quantitativos. Entretanto, se os antigos foram derrotados pela razão técnica e o seu mundo foi desencantado, o horizonte de um

novo século abriria caminho para algumas novas expectativas.

A modernidade compreende a autoconsciência estética e histórica do presente, afastando-se de qualquer outra referência do passado. O moderno livra-se do fardo pesado do passado para poder se estabelecer como modernidade. No final do século XIX não acontece somente um discurso poético do novo. No campo das ciências sociais desenvolve-se um debate intelectual promissor que abre espaço para o discurso sociológico sobre o moderno. Esse discurso sociológico moderno é marcado pela compreensão de um mundo extremamente mutável – que caracteriza as sociedades modernas, diferentes das sociedades tradicionais, marcadas por um passado venerado e onde os símbolos são muito valorizados como forma de perpetuação da experiência de gerações. Para Giddens a sociedade moderna é reflexiva, pois na mesma, as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas, o que altera constantemente o seu caráter.

Baudelaire mantém a tensão entre estas duas visões – passado e presente: isto o transforma no defensor da arte diante da pragmática do cientificismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Rodrigues (2000) se propôs neste texto a discutir a origem da modernidade, assumindo haver uma querela antigos/modernos. Mas, para começo de conversa, o que é uma querela? Querela é uma discussão (sem fundamento).

Giddens, aqui citado por Rodrigues (2000) caracteriza a sociedade moderna como reflexiva visto que as suas práticas sociais estão sendo continuamente examinadas e reformadas, o que não

acontece nas sociedades tradicionais. Esse parece ser o eixo norteador de todo o texto.

O caráter reflexivo da modernidade é algo que se estendeu para a pós-modernidade, momento histórico em que vivemos. Avançando um pouco mais em direção a este momento atual achamos por bem ampliar a discussão, citando Hall (2006).

Na modernidade reflexiva em que vivemos o homem é um sujeito descentrado que vive em crise de identidade, visto que as velhas identidades (comuns às sociedades tradicionais) estão sendo continuamente substituídas por identidades novas. Dessa forma, Hall (2002) entende que neste tempo em que vivemos, marcado pela globalização, esta crise de identidade é inevitável. Mas tal estado de crise possibilita ao sujeito novas posições de identificação, tornando as identidades menos fixas e unificadas, e, portanto, abertas ao novo. Trata-se da produção de um novo sujeito não mais com identidades fixas e estáveis (próprias das sociedades tradicionais) mas sim, sujeitos fragmentados, com identidades abertas, contraditórias, inacabadas, sempre em processo, assim como a própria história destes sujeitos. Trata-se do fenômeno denominado por Hall (2006) como descentramento. Então o desafio deste homem - que um dia foi moderno e agora situa-se como pós-moderno -, é viver em um mundo cada vez mais globalizado, sem perder as suas referências de passado. Nesse sentido o embate entre o velho e o novo é apenas uma querela.

Todos os autores declararam não haver qualquer potencial conflito de interesses referente a este artigo.

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

RODRIGUES, A.E.M. A querela entre antigos e modernos: genealogia da modernidade. In: RODRIGUES, A.E.M; FALCON, F.J.C. **Tempos modernos: ensaios de história cultural**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2000. p. 241-285.